

## Fukushima: Brotos da persistência

1 de Outubro, 2011 - 01:59h

Tomi Mori <sup>[1]</sup>

Terceira parte do relato da viagem que o correspondente no Japão do Esquerda.net fez à região mais atingida pelo terremoto, pelo tsunami e pela crise nuclear de Fukushima. Seis meses depois, no meio da paisagem de destruição e desolação, há quem persista em ressuscitar a vida.

Acordei antes das quatro da manhã, comprei algo para um rápido desjejum na loja de conveniência e entrei no carro para comer. Quando liguei o carro vi que o mesmo balançava. Terramoto? Só depois, quando voltei da viagem, é que fiquei a saber que fora um sismo de magnitude 6.3. Os terremotos são diários numa vasta área que vai de Chiba, vizinha a Tóquio, até Hokkaido, no extremo norte do arquipélago. Essa situação de forte e contínua actividade sísmica continua a manter toda a região sob a possibilidade de uma nova tragédia, ainda que a verdade seja minimizada pela escala japonesa que mede a densidade dos tremores e não a magnitude. Por causa disso, os japoneses não compreendem a verdadeira situação.

Dependendo da circunstância. um terramoto de magnitude superior a 6.0, como foi o caso, pode aparecer como sendo um de tremor 3, na escala nipónica. O que os torna, aparentemente, menos assustadores, mas não menos perigosos. Como são constantes, que um deles venha atingir em cheio Fukushima 1 não é uma possibilidade delirante. Não é necessário que atinja em cheio. Um terramoto que ocorra próximo, e cause um novo tsunami, pode deitar tudo a perder. E a TEPCO está longe de ter construído um mecanismo para impedir uma nova tragédia, já que nem mesmo conseguiu resolver a antiga.

Em Sendai terminava a rota 6 e agora seguiria pela rota nacional 45, que vai pela costa, em direção ao norte. O que era a rota 45 e o que é hoje são coisas bastante diferentes. Inúmeras pontes foram arrastadas, muitos trechos estão sem asfalto, cobertos com pedregulhos, as brechas causadas pelo terremoto são uma constante em todo o percurso e, inclusive, um trecho está fechado devido ao deslizamento de uma montanha no trajecto.

### **Matsushima escapou**

Entre na rota 45 em direção a Matsushima, amanhecia e parecia que seria espectacular. Apressei-me. Quando cheguei ao lado da montanha onde se avista a baía de Matsushima, parei o carro para tirar umas fotos. O céu começou a ficar vermelho. Lá em baixo, via as pequenas ilhotas na baía.



Foi, sem dúvida, um dos cenários mais bonitos que terei visto em vida, mas tudo não deixava de ter a sua tristeza. Tirei outras fotos também das proximidades.



Cheguei a Matsushima, por onde havia viajado anteriormente, esperando encontrar a cidade

totalmente arrasada. Foi com surpresa que vi apenas algumas sequelas. O tsunami fora benevolente com Matsushima, considerada uma das três paisagens mais belas do arquipélago. A localização de Matsushima, que ficou escondida da fúria das águas, permitiu que sobrevivesse.



Saí mais aliviado, indo para outra parte da cidade que ainda não conhecia, Okumatsushima.

### **Uma tristeza sem fim**

Imaginei que o que salvara Matsushima, em contrapartida, deveria ter causado forte estrago noutro local. O meu alívio acabou quando cheguei, pela primeira vez, a Okumatsushima. O tsunami batera forte no local, que aparentava ter uma tristeza sem fim. As casas daquele tranquilo e escondido vilarejo haviam sido completamente destruídas e muitas continuavam ainda à espera da demolição.





Voltei pelo mesmo caminho até à rota 45 e virei em direção a Ishinomaki. Ler esse nome causou-me apreensão. Ishinomaki era um nome que lera muitas vezes no noticiário. Fui em direção ao porto. Antes de chegar começaram a surgir as cenas da tragédia. Nessa cidade, muitas casas ainda estão à espera da demolição.



O ambiente é asfixiante, com a água a cobrir muitos dos antigos terrenos. No meio dos entulhos, vi um pequeno boneco de pelúcia. Ensopado, o boneco, inexplicavelmente, por ser um brinquedo de criança, tinha uma expressão triste. Não é preciso dizer que lamentei muito ter encontrado esse boneco e tudo que ele poderia representar. Vacilei bastante até que, por fim, me decidi a tirar a sua foto que, confesso, não gosto de ver.



Ao longe, os guindastes do porto acrescentavam mais solidão e tristeza ao cenário. Em redor, os outrora verdejantes pinheiros estavam todos mortos. Anteriormente, estava em dúvida, mas agora estava cristalino. A salinidade da água marinha matara os pinheiros após o tsunami. Hoje, em toda a costa afectada, os pinheiros mortos são as testemunhas naturais da tragédia.





### **Tragédia natural e tragédia humana**

Só nesse momento, também, me ficou claro o que poderia ser considerado tragédia natural e o que era tragédia humana, criada pelo homem.

A tragédia natural foi o terremoto, que causou deslizamentos e o tsunami. Por sua vez, o tsunami, agente involuntário do terremoto, matara um sem número de peixes, caranguejos e animais marinhos, que morreram quando as águas recuaram. As águas do tsunami mataram plantas, pequenos animais, insectos e milhares de árvores, acabando com muito da beleza natural. Isso é o que pode ser considerado tragédia natural.

Todo o resto foi tragédia humana. A opção de morar em locais perigosos, ou a incapacidade de não fazê-lo. Construir centrais nucleares em locais sujeitas a terremotos e tsunamis. Essas são, inequivocamente, decisões humanas. E não se podem culpar as divindades, demónios ou a mãe natureza, ainda que a maioria o possa fazer.

### **Tentando ressuscitar a vida**

Continuava a explorar as ruas destruídas de Ishinomaki, com receio de atolar o carro num local deserto, quando passei por uma casa onde havia uma pequena plantação. Naquele local onde não sobrara, praticamente, nada, alguém tentava ressuscitar a vida. Um senhor de cabelos brancos, alto, usando óculos, estava no quintal. Decidi parar o carro para tirar uma foto. Ele observou quando desci e não havia como não fazer-lhe uma saudação. Disse bom dia e perguntei-lhe se podia tirar uma foto. Respondeu que sim. Foi atencioso e explicou-me que anteriormente ali havia um muro de blocos. Disse também, apontando, que vários vizinhos tinham morrido. Apontou para o tecto mostrando até onde a água havia subido. Contou que, em Julho, plantara milho e já tinha colhido. E que, agora, no mesmo local, plantara espinafres que ainda não tinham brotado. Vi um canteiro com brotos de alguma

verdura, fotografei, mas não sei o que é. Havia também pequenos pés de beringela.



O senhor contou-me que, depois do tsunami, mostrando a desolação em volta, passou a morar na casa da sua filha, no centro de Ishinomaki. Ela tinha dito que não podia morar mais naquele local pois é perigoso. O velho mostrou-me parte do terreno, que havia limpado e no qual pretende reconstruir a sua casa para poder voltar. Disse que representava a décima quarta geração da sua família a viver no mesmo local e que, pelas suas contas, deveria ser um período de cerca de 300 anos. Por último, antes de me despedir comentou: ?O local onde nascemos é o melhor local para, nós, velhos, vivermos.? Fiquei comovido com a sua determinação e coragem. Eu jamais teria as forças para ver todos os dias aquela paisagem destruição, desolação e solidão, acompanhado de um cheiro ágrico de decomposição.

Leia a primeira parte deste relato: [Fukushima: o que vi](#) <sup>[2]</sup>; e a segunda parte: [Fukushima: cenas de um inferno](#); <sup>[3]</sup> a quarta parte: [Fukushima: na rota da destruição](#); <sup>[4]</sup> a quinta parte: [Fukushima: Realidade maior que qualquer ficção](#). <sup>[5]</sup>

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogsfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)



---

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/artigo/fukushima-brotos-da-persist%C3%Aancia>

**Ligações:**

[1] <http://www.esquerda.net/autor/tomi-mori-0>

[2] <http://www.esquerda.net/.../artigo/fukushima-o-que-vi>

[3] <http://www.esquerda.net/.../artigo/fukushima-cenas-de-um-inferno>

[4] <http://www.esquerda.net/.../artigo/fukushima-na-rota-da-destrui%C3%A7%C3%A3o>

[5] <http://www.esquerda.net/.../artigo/fukushima-realidade-maior-que-qualquer-fic%C3%A7%C3%A3o>